

ENSINO DE ARTE E PRÁTICA DOCENTE: CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DO FAZER DOCENTE DE UMA PROFESSORA DE ARTE EM PERSPECTIVA

Claudiana Raymundo dos Anjos¹

Universidade Federal do Espírito Santo

Christiano Felix dos Anjos²

Universidade Federal do Espírito Santo

Merislandia Paulo da Silva Carvalho³

Universidade Federal do Espírito Santo

Eixo Temático 2: Propostas Curriculares e Práticas Pedagógicas

RESUMO

O presente texto se configura como um recorte da dissertação intitulada “A Sociologia Figuracional no fazer docente de uma professora de arte com um estudante com baixa visão” apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/Ufes em maio de 2020. Para realização deste artigo, objetivamos apresentar dados e discussões que nos permitiram tecer compreensões sobre a dinâmica e condições de realização do trabalho da professora de Arte com estudantes em condição de deficiência visual matriculados no sistema estadual de ensino do estado do Espírito Santo. Utilizamos de registros em diário de campo realizados a partir da observação e nossa atuação em contexto, de registros fotográficos, bem como dos “resultados” de entrevistas semiestruturadas que envolveram os profissionais que constituem a equipe gestora, e profissionais que atuam e atuaram com o estudante com deficiência visual e a própria professora de arte e a família na figura da mãe. O aporte teórico esteve baseado nos constructos da Sociologia Figuracional elaborada por Norbert Elias (1994, 2001) em diálogo com a literatura que versa sobre a prática pedagógica junto ao estudante com condição de deficiência visual. Como considerações finais, os dados nos permitiram destacar que as práticas do professor/a de Arte do estado do

¹ Mestra em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo – e-mail: nanars_19@hotmail.com.

² Doutorando em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo – e-mail: avitima@gmail.com.

³ Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo – e-mail: merislandia.pedagogia@gmail.com.

Espírito Santo podem ser comparadas a uma melodia. Conforme destaca Elias, “[...] não se compreende uma melodia examinando-se cada uma de suas notas separadamente, sem relação com as demais” (ELIAS, 1994, p. 25). Desse modo, vimos considerando neste estudo que para analisar o fazer docente do/a professor/a de arte, não se pode compreender essas práticas pedagógicas e/ou esse “fazer” do professor/a de Arte sem também considerar a estrutura maior que está colocada no cenário em que esse/a profissional atua, materializada nos tempos de planejamento, nos espaços físicos adequados, em melhores condições de salário e trabalho e entre outros.

Palavras-chave: Ensino de Arte. Deficiência Visual. Formação Docente.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto se configura como um recorte da dissertação intitulada “A Sociologia Figuracional no fazer docente de uma professora de arte com um estudante com baixa visão” apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/Ufes em maio de 2020⁴. O desenvolvemos na busca por compreender como se configuram as práticas pedagógicas do/a professor/a de Arte em classes que contam com matrículas de estudantes em condição de deficiência visual. Nesse artigo, objetivamos apresentar dados e discussões que nos permitiram tecer compreensões sobre a dinâmica e condições de realização do trabalho da professora de Arte com um estudante em condição de deficiência visual matriculado no sistema estadual de ensino do estado do Espírito Santo.

Para o cumprimento desse objetivo, utilizamos de registros em diário de campo realizados a partir da observação e nossa atuação em contexto, de registros fotográficos, bem como dos “resultados” de entrevistas semiestruturadas que envolveram os profissionais que constituem a equipe gestora, e profissionais que atuam e atuaram com o estudante com deficiência visual e a própria professora de arte e a família na figura da mãe. É importante destacar que as reflexões que sistematizamos também estão apoiadas nos estudos que versam

⁴ O estudo que realizamos está vinculado a uma pesquisa mais ampla, intitulada: “Política orçamentária e trabalho docente na educação especial em realidades brasileiras e mexicanas”, que objetiva analisar a interdependência política orçamentária e o trabalho docente na garantia do direito à educação das crianças e dos adolescentes com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento e/ou com indícios de altas habilidades e/ou superdotação, em realidades brasileiras e mexicanas.

sobre a temática: prática docente com estudantes com condição de deficiência visual não perdendo de vista o diálogo com a sociologia figuracional elaborada por Norbert Elias (1993; 1994; 2001; 2011).

Dado a essas considerações introdutórias, destacamos que refletir sobre o trabalho realizado da professora ou do professor que atua no ensino de arte no estado do Espírito Santo, implica trazer para o diálogo uma série de tensões que interferem diretamente no modo de realização das atividades profissionais desse/a professor/a. A formação inicial, as condições de trabalho e experiência profissional figuram entre as questões que nos chamam a atenção quando voltamos nosso olhar para as práticas pedagógicas que são desenvolvidas por estes profissionais no estado. No fluxo desse debate, configuram essas lacunas, a carga horária de trabalho elevada do profissional docente, condições de trabalho, baixos salários, sobrecarga de trabalho, esgotamento físico, entre outras questões referentes à formação inicial e continuada desse professor (LELIS, 2012).

As indicações trazidas pelos autores relacionadas a: estimulação precoce, materialização das políticas educacionais voltadas para esses sujeitos, a formação inicial e continuada, bem como a realização de uma prática pedagógica diferenciada do profissional docente, podem colaborar na constituição de movimentos e outros/novos olhares acerca do fazer docente do profissional que atua na disciplina de Arte no estado do Espírito Santo, sobretudo no que se refere a sua atuação com estudantes em condição de deficiência visual.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ancorado aos estudos em Norbert Elias, temos compreendido o quanto a perspectiva teórico-metodológica desse autor pode contribuir nas reflexões sobre o fazer docente do/a professor/a de Arte que atua em classes que contam com a frequência regular de estudantes em condição de deficiência visual. Ao realizarmos o exercício de relacionar a sua teoria com o que viemos estudando, temos compreendido que, ao seguirmos os pressupostos das proposições eliasianas, percebemos as relações de interdependência

estabelecidas no contexto escolar, sobretudo na relação entre professor de Arte e estudante com condição de deficiência visual. De nossa perspectiva, esses são elementos importantes para a compreensão dos aspectos do fazer docente desse/a profissional.

Norbert Elias, no decorrer de seus estudos, desenvolveu uma perspectiva sociológica denominada Sociologia Figuracional ou Processual, que tem como objetivo compreender **como e por que** os indivíduos, ligados entre si numa dinâmica específica, constituem figurações que estão em permanente processo de constituição e de transformação. Nesse sentido, vimos compreendendo a partir de nossas leituras, a sociologia figuracional também como o estudo das relações humanas na sua processualidade, tomando por referências as análises micro e macrosociais nos/dos fenômenos (ELIAS, 2001).

Nesse estudo das relações humanas, os conceitos de **figuração** e **interdependência** ganham centralidade nas obras do autor. Em Elias (2000), figuração social se apresenta como um dos conceitos fundamentais para a compreensão da vida em sociedade. Figuração pode ser compreendida como um agrupamento de pessoas e de grupos ligados entre si. Nessa direção, entendemos figuração como o agrupamento de pessoas no contexto familiar, na escola, na igreja e entre outros espaços cuja formação se dá a partir das relações de interdependência entre indivíduos (ELIAS, 2000).

Assim, tecer compreensões sobre a dinâmica e condições de realização do trabalho da professora de Arte com estudantes em condição de deficiência visual matriculados no sistema estadual de ensino do estado do Espírito Santo, pela via da sociologia figuracional considerando as práticas pedagógicas desse/a profissional, nos ajuda a compreender as diferentes transformações que impactaram e seguem impactando diretamente nas ações desse e dessa profissional docente.

É importante notar que tematizar as inter-relações sociais supõe considerar outro conceito importante desenvolvido por Norbert Elias: **interdependência**. Para o autor, toda relação implica em uma relação de poder – sejam elas mais amplas ou mais restritas. Vale observar que o equilíbrio de poder se constrói na “[...] proporção da função que desempenha uma pessoa em relação à outra

ou um grupo em relação a outro” (GEBARA; LUCENA, 2005, p. 2). Nesse sentido, compreende-se então balança de poder como sendo a “[...] a natureza dos laços de interdependência que unem, separam e hierarquizam indivíduos e grupos sociais” (NEIBURG, 2000, p. 9). Para Elias (2000), são elementos dessa dimensão da vida social “[...] superioridade social e moral, autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão” (ELIAS, 2000, p. 8).

Nessa direção, baseados na tentativa de compreender o desenvolvimento do ensino de Arte, percebemos a relevância em utilizar os constructos eliasianos no desenvolvimento deste estudo.

3 METODOLOGIA

Assumindo essa perspectiva histórica, social e política, em nosso estudo, buscamos gerar/criar saberes sobre o fazer docente do/a professor/a de Arte em uma classe de Ensino Fundamental que conta com matrícula(s) de estudantes em condição de deficiência visual. Nesse processo, destacamos que o estudo de caso alicerçou nosso modo de construção do trabalho pois compreendemos que essa metodologia em diálogo com os constructos eliasianos consiste em pesquisar com o outro e não sobre o outro. Michel (2009) conceitua essa forma particular de estudo como:

O método do estudo de caso consiste na investigação de casos isolados ou de pequenos grupos, com o propósito básico de entender fatos, fenômenos sociais. Trata-se de uma técnica utilizada em pesquisas de campo que se caracteriza por ser o estudo de uma unidade, ou seja, de um grupo social, uma família, uma instituição, uma situação específica, uma empresa, um programa, um processo, uma situação de crise, entre outros, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos, ou seja, no seu próprio contexto. (MICHEL, 2009, p. 53)

Desse modo, reiteramos que a escolha por esse método no desenvolvimento deste estudo é fundamental, sobretudo no que diz respeito à compreensão dos fenômenos sociais existentes no contexto escolar. Outro ponto fundante para a escolha desse delineamento teórico-metodológico se dá por compreendemos a observação participante como uma ação potente em nosso trabalho investigativo. Assim sendo, essa ação associada aos estudos eliasianos, nos possibilita desenvolver uma pesquisa em que é possível “fazer junto”, “fazer

com o outro” permitindo assim a realização deste estudo como espaço-tempo de compartilhamentos de saberes.

Assumir os pressupostos da perspectiva teórico-metodológica do estudo de caso associados a teoria da sociologia figuracional elaborada por Norbert Elias é também compreender que pesquisador e sujeitos da pesquisa não podem ser vistos de forma isoladas, mas como indivíduos que constituem relações provisórias e não, necessariamente, caracterizadas como harmônicas. Desse modo, cabe destacar (e reiterar) que o estudo de caso não só permite, como supõe o envolvimento de todos na pesquisa, não apenas do pesquisador.

Para Oliveira (2009), o pesquisador que assume esse tipo de pesquisa “[...] pauta seus estudos na interpretação do mundo real, preocupando-se com o caráter hermenêutico na tarefa de pesquisar sobre a experiência vivida dos seres humanos” (OLIVEIRA, 2009, p. 7).

Um outro ponto que nos levou a utilizar o estudo de caso se deu pelo nosso interesse em compreender um caso em particular, levando em consideração seu contexto e sua complexidade. Ademais, conforme destaca André (2008), ao assumir os pressupostos do estudo de caso em uma pesquisa, uma questão fundamental segundo a autora é “[...] o conhecimento derivado do caso, ou melhor, o que se aprende ao estudar o caso” (ANDRÉ, 2008, p. 16).

Dessa forma, os pressupostos da Sociologia Figuracional ou processual elaborada por Norbert Elias, bem como o estudo de caso com observação participante, tornam-se importantes para a nossa investigação, sobretudo na medida em que nos ajudam a compreender que por meio das relações de interdependência e das figurações que delineiam o fazer docente do/a professor/a de Arte, novos/outros modos de produção de conhecimento e de práticas pedagógicas podem emergir.

4 O FAZER DOCENTE DA PROFESSORA DE ARTE: ANÁLISE DO TRABALHO REALIZADO

Localizada no município de Vila Velha, a escola investigada conta atualmente com uma turma de 1º ano, duas turmas de 2º ano, uma turma de 3º ano, duas turmas de 4º ano e duas turmas de 5º ano do Ensino Fundamental.

No que diz respeito aos sujeitos centrais de nosso estudo destacamos: Lucas⁵ (o estudante com condição de deficiência visual) e Aline⁶ (professora de arte da escola investigada). Assim, buscando apresentar, mesmo que de forma breve esses sujeitos, iniciamos ressaltando que Lucas, é uma criança carinhosa, sensível e tranquila. Mora no município de Vila Velha/ES, tem 9 anos de idade e está no 3º ano do Ensino Fundamental. É uma criança que adora estudar e jogar futebol, aprecia as aulas de história e matemática. Convive bem com os amigos na escola e em casa, tem uma ótima relação com a família (mãe, irmã e sobrinho) e está sempre de bom humor. Lucas tem um bom relacionamento com todos da escola, e com todos os professores que atuam com ele.

Aline é professora de arte da escola investigada atua na área da educação há aproximadamente 10 anos. Tem formação em Artes Plásticas e complementação pedagógica em Artes Visuais. É efetiva pela rede estadual desde o ano de 2012, atuando nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Também atua como professora de Arte em uma escola da rede municipal do município de Vila Velha.

Dando sequência ao que propusemos, nesse texto, apresentaremos algumas reflexões relacionadas ao fazer docente da professora de arte da escola Frederico⁷, que nos possibilitou tecer compreensões sobre a dinâmica e condições de realização do trabalho da professora de Arte com um estudante em condição de deficiência visual.

Quando iniciamos nossa aproximação com esses dois sujeitos, nos períodos de maio a outubro de 2019, estivemos empenhados em acompanhar e colaborar em todas as aulas de arte que foram realizadas na turma em que Lucas estava matriculado. A esse respeito, é importante destacar que nossos momentos com a professora Aline, se deram nas aulas em sala de aula e também nos seus tempos de planejamento.

As análises realizadas a partir da prática desenvolvida pela professora de arte com Lucas estão baseadas em dois momentos centrais que presenciamos

⁵ Nome fictício do estudante.

⁶ Nome fictício da professora de Arte.

⁷ Nome fictício da escola onde realizamos a pesquisa.

durante o período de inserção em contexto. Esses momentos foram: o contato inicial na realização da atividade de confecções de balões para o dia da “Festa Caipira” e um segundo momento que foi a “Mostra Cultural”.

Com base no que evidenciamos nesses dois episódios, como uma questão inicial, no contexto da escola investigada ainda era percebido um ensino de Arte restrito à decoração de festas e enfeites escolares. Tal contexto pôde ser evidenciado no primeiro e segundo momento, quando presenciamos diversos períodos em que Aline precisou refazer seu planejamento com base nas atividades que estavam sendo desenvolvidas na escola.

As reflexões a esse respeito estão baseadas nas noções eliasianas, quando o autor narra o processo da vida em sociedade que pode ser cheio de “tensões”, “perturbações” e “conflitos” (ELIAS, 1994, p. 17). Elias afirma que para que a vida social se torne mais harmoniosa é necessário um equilíbrio entre as necessidades pessoais e sociais de cada indivíduo nessa sociedade. No entanto, chegar a um equilíbrio ou uma ordem social nesse contexto é sempre um desafio, haja vista que, “[...] as duas coisas só são possíveis juntas” (ELIAS, 1994, p. 17). Elias (1994) reitera:

[...] só pode haver uma vida comunitária mais livre de perturbações e tensões se todos os indivíduos dentro dela gozarem de satisfação suficiente; e só pode haver uma existência individual mais satisfatória se a estrutura social pertinente for mais livre de tensão, perturbação e conflito (ELIAS, 1994, p. 17).

Desse modo, para que a vida em sociedade se torne harmoniosa, uma das partes envolvidas precisa renunciar ao seu bem-estar e prezar pela manutenção do todo social. Nessa direção, de nossa perspectiva, essa situação fica evidente quando em diversos momentos pudemos presenciar Aline renunciando a seus interesses pessoais na escola para suprir as necessidades de outros profissionais. Ora deixando de realizar seu planejamento para dar sequência ao projeto maior da escola (Mostra Cultural), ora precisando renunciar a seu tempo de intervalo para colaborar na confecção de um mural para outro profissional e assim por diante. Esses apontamentos, associados os estudos de Rebouças e Simões (2009), Godoi (2013) e Barbosa (2015), nos levam a refletir sobre qual importância está sendo colocada para o ensino de arte na atualidade. Ainda o compreendemos como “cursos livres” ou cursos de “mera rotina”, conforme destacam as autoras, ou o consideramos

como importante para o desenvolvimento humano, conforme destacam e enfatizam as diretrizes do ensino de arte no Brasil a partir da LDB e o PCN?

A partir dessas reflexões, destacamos que, a importância que atribuímos ao ensino de arte está muito relacionada à relevância que damos para a garantia de condições favorecedoras para o desenvolvimento do trabalho do profissional que atua no ensino de arte no estado do Espírito Santo. Tempos de planejamento, bem como um ambiente que favoreça esse ensino se constituem como elementos fundamentais no trabalho desenvolvido por Aline na escola Frederico.

Nessa configuração, em que ocorre a junção de vários elementos específicos como estudantes, professores, gestores, profissionais da limpeza e outros, atuar como professora de arte configura como um grande desafio que apesar dos “entraves”, essa tarefa tem sido cumprida com maestria pela profissional Aline.

Partindo dessa premissa, reiteramos que a partir das relações colocadas entre Aline e os outros indivíduos dessa figuração (estudantes, professores, gestores) pudemos compreender o contexto da escola Frederico como espaço potencializador de novos/outros aprendizados por parte de todos os envolvidos, que colabora para que Aline se constitua como professora de Arte. É nesse modelo de organização escolar que vemos Aline se constituindo enquanto uma “boa” professora de Arte, conforme mencionado em entrevista realizada com a diretora da EEEF Frederico.

Uma segunda reflexão a respeito dos momentos observados nas aulas com Aline, que se refere ao modo como os espaços em que estamos inseridos vai nos constituindo enquanto pessoas, enquanto profissionais, enquanto partes integrantes e constitutiva de um “todo”. Esse aspecto pode ser evidenciado quando Aline disse “[...] eu não me formei professora, eu me tornei professora”. Isso significa dizer que a figuração em que Aline estava imersa contribuiu para que ela fosse se constituindo enquanto profissional docente e nessa rede de relacionamento entre outros professores e também entre outros estudantes pudemos perceber as suas práticas sendo redimensionadas a partir de sua relação cotidiana na sala de aula. Por meio dessa atuação, pudemos

compreender e perceber Aline enquanto agente de mudanças, fazendo de sua sala de aula espaço não só de prática docente, mas também de formação humana. Para Lima e Gomes (2012), nessa perspectiva de análise, o professor com essa atitude, se configura como “[...] um intelectual em processo contínuo de formação” (LIMA; GOMES, 2012, p. 194).

Associados a essa afirmação, destacamos uma prática diária da professora, denominada Jogo do Silêncio. Nessa brincadeira, realizada ao final das aulas que aconteciam no espaço da sala de aula comum, Aline ia até o quadro e escrevia o nome de uma criança; esse estudante então passava a segurar o pincel; enquanto estava com o pincel na mão, tinha aproximadamente dois minutos para observar a sala e aquele que ela julgasse estar mais “comportado” era a quem entregava o pincel. A pessoa que portava o pincel colocava seu nome no quadro e assim dava sequência à brincadeira. A esse respeito, Aline destaca:

[...] às vezes a gente cria outras técnicas e aprende outras novas. Igual esse ano eu aprendi o jogo do silêncio e os meninos vão incorporando ali. A gente vai aprendendo também no dia a dia. Outra coisa que aprendi com uma amiga que também é professora, foi terminar a aula um pouco mais cedo e dá um tempo de descanso para a turma, fazer um momento de relaxamento. (ALINE, 2019)

A partir da fala de Aline, pudemos então perceber que suas práticas não são estáticas e estão sempre em transformação, dados os diferentes contextos de sala de aula em que ela convive. Assim, compartilhamos com a afirmação de Hunger, Rossi e Neto (2011), ao narrar sobre o ser professor a luz da perspectiva eliasiana. Eles ressaltam que “[...] o indivíduo (professor) é o que é porque pertence a um grupo social, pois tudo o que ele (professor) se torna dá-se em relação aos outros” (HUNGER; ROSSI; NETO, 2011, p. 708).

Nessa perspectiva associada aos conceitos de sociogênese e psicogênese, pudemos compreender as práticas de Aline, muito direcionadas e influenciadas pela estrutura de sala de aula que estava colocada naquele determinado momento, e nesse sentido pudemos perceber a influência desse contexto em suas ações, emoções, forma de trabalhar, entre outros. Esse aspecto também é evidenciado no fazer docente de Aline e sua atuação com Lucas, de sempre se mostrar preocupada se ele de fato estava se apropriando dos conhecimentos propostos em suas aulas. Por ter no contexto de sua classe um

estudante com baixa visão, Aline, sempre que precisava escrever no quadro, utilizava letra bastão; quando entregava alguma atividade que seria realizada na folha de papel A4, manifestava preocupação se Lucas estava conseguindo visualizar o que era escrito; ocorria ali, um trabalho sempre de mediação e acompanhamento, voltado para todos aqueles que apresentavam qualquer tipo de dificuldade.

Desse modo, por meio desse trabalho realizado por Aline, percebemos Lucas se apropriando dos conteúdos artísticos trabalhados em sala com mais autonomia e criatividade, conforme destaca Aline. Imbricados naquele contexto, pudemos então nos constituir como “mais uma” professora colaboradora no desenvolvimento escolar de Lucas. A esse respeito, Aline ressalta:

[...] como Lucas vem de um processo de professores colaboradores com ele, então ali é mais um professor. Só que esse é específico pra aula de arte e isso é diferente. E como você viu, a criatividade dele com a tua presença ali do lado também aguçou um pouco a questão da criatividade dele. Ele agora para, analisa e pensa no que está fazendo. (ALINE, 2019)

Retomando a questão inicial, a partir da fala de Aline, vamos percebendo a importância do ensino de Arte no desenvolvimento escolar de Lucas. Quando a professora destaca que nas aulas Lucas teve sua criatividade “aguçada”, compreendemos que o ensino de Arte no contexto escolar precisa ser valorizado ao ponto que todos os profissionais da escola possam reconhecer tal ensino como área de conhecimento com saber específico tão relevante quanto outras áreas de conhecimento. De nossa perspectiva, esse cenário de desvalorização da disciplina de Arte enquanto área de conhecimento contribui para sua utilização como apenas um “substrato” ou “elemento complementar” no qual “[...] a arte é relegada a um segundo plano, é utilizada apenas para ilustrar um conhecimento formalizado”. Para Godoi (2013), esse aspecto é evidenciado quando “[...] usa-se o teatro para falar de um conteúdo de história ou a música para estudar normas gramaticais, descaracterizando-se como áreas com conteúdos próprios” (GODOI, 2013, p. 27).

Seguindo o fluxo desse debate, outra análise realizada a partir do que vimos nas aulas de Arte diz respeito ao conhecimento por parte da professora a respeito dos conteúdos a serem trabalhados nessas aulas. Essa questão está

relacionada à formação inicial da profissional docente, bem como ao seu modo pessoal de ser/estar professora (EFFGEN, 2011).

Apoiados nessa elaboração, podemos destacar o quanto ser professora de Arte com formação inicial específica na área fez (e faz) diferença nos modos de ensinar Arte no cenário estadual. Destacamos que durante todo o período em que estivemos colaborando na realização das atividades desenvolvidas nas aulas de arte, vivenciamos aulas bem diversificadas. O trabalho realizado pela professora Aline possibilitou que as crianças naquele contexto aprendessem novas técnicas artísticas, conhecessem novos artistas e – o que consideramos mais relevante no trabalho desenvolvido – possibilitou também que fossem vivenciadas, pelos alunos, outras dimensões artísticas, como prevê a legislação.

Nas aulas, era sempre observado o esforço realizado por parte da professora para que os alunos tivessem acesso aos conteúdos artísticos contidos em seu planejamento inicial. Para Effgen (2011), esse modo “ousado de ser/estar professor” é um diferencial no processo de desenvolvimento da aprendizagem do estudante público-alvo da Educação Especial (EFFGEN, 2011, p. 38).

A partir disso, em nosso estudo apostamos em uma prática pedagógica que ultrapassa os muros da escola. De nossa perspectiva, a prática desenvolvida pelo profissional que atua na área da educação precisa ser compreendida como uma ação que também se constitui a partir das relações sociais desse professor. Grativol (2016), ao citar Souza (2005), destaca que as práticas pedagógicas muitas vezes são:

[...] atividades rotineiras, que são desenvolvidas dentro da escola, podendo se constituir de duas formas: a primeira de depósito de conteúdo, ou a bancária conforme Freire (1987), como também pode ser planejada visando a transformação da criança/aluno. (GRATIVOL, 2016, p. 68)

No contexto da escola Frederico, vimos Aline desenvolver uma prática pedagógica dentro da perspectiva na qual apostamos. No entanto, também consideramos que pensar em condições favorecedoras é algo importante no desenvolvimento de uma prática docente que visa a transformação social de toda criança, jovens e adultos matriculados nas escolas estaduais do estado do Espírito Santo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos propusemos no objetivo central desse texto em tecer compreensões sobre a dinâmica e condições de realização do trabalho da professora de Arte com estudantes em condição de deficiência visual matriculados no sistema estadual de ensino do estado do Espírito Santo, a partir das análises realizadas por meios de nossa inserção em contexto, vimos consideramos e apostando que tempos de planejamento adequado e espaço físico configuram como uma tensão para/no trabalho que vem sendo desenvolvido pela professora de Arte.

Apoiados nessa elaboração, retomamos as discussões anteriores a respeito dos encaminhamentos para melhoria de condições do fazer docente. E nessa direção reiteramos que para uma melhor realização do ensino de Arte é necessário um local favorável e propício para o desenvolvimento de atividades nessa área de conhecimento. Frente a essa realidade, ocorre o que destaca Silva (2015):

[...] quando acontece uma aula mais elaborada com práticas de experimentação, a sala de aula é desconfigurada para o desenvolvimento dessas atividades, geralmente tem que se usar outros espaços ou parte externa da escola, como o pátio, refeitório ou outros ambientes. (SILVA, 2015, p. 32)

De nossa perspectiva, cumprir as exigências contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte configura um desafio constante, principalmente no que tange ao trabalho desenvolvido com um estudante com deficiência visual.

Por fim, apoiados em Elias, no decorrer dessa investigação, percebemos as práticas do professor de Arte do estado do Espírito Santo comparadas a uma melodia. Para o autor, “[...] não se compreende uma melodia examinando-se cada uma de suas notas separadamente, sem relação com as demais” (ELIAS, 1994, p. 25). Desse modo, vimos considerando neste estudo que para analisar o fazer docente do/a professor/a de arte, não se pode compreender essas práticas pedagógicas e/ou esse “fazer” do professor de Arte sem também considerar a estrutura maior que está colocada nesse cenário, materializada nos tempos de planejamento, nos espaços físicos adequados, em melhores condições de salário e trabalho e entre outros.

Desse modo, analisar o fazer docente nessa perspectiva de análise não seria possível se não fossem consideradas as demandas pessoais e profissionais do próprio profissional docente que está imerso nesse contexto. Todas essas questões desassociadas não formam uma canção ou uma prática pedagógica possível, no que se refere ao fazer docente do professor de Arte, impossibilitando-nos discutir questões importantes capazes de orientar de maneira mais adequada a elaboração de políticas educacionais mais inclusivas.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**.

Brasília: Liber livro Editora, 3ª edição, 2008.

BARBOSA, A. M. **John Dewey e o ensino de arte no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

EFFGEN, A. P. S. **Educação Especial e Currículo Escolar**: possibilidades nas práticas pedagógicas cotidianas. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, N. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: formação do estado e civilização. v. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. v. 1. Rio de Janeiro. Zahar, 2011.

ELIAS, N. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GEBARA, A; LUCENA, R. F. O poder e cotidiano: Breve discussão sobre o poder para Norbert Elias. **IX Simpósio Internacional Processo Civilizador**. Paraná, 2005.

GODOI, R. V. F. V. **Professores de arte: fatores de satisfação e bem-estar no trabalho docente**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2013.

GRATIVOL, S. Fotografias e práticas pedagógicas: a relação de interdependência entre professor-criança na educação infantil (UFGD). **Anais do Simpósio Internacional Processos Civilizadores: diálogos interdisciplinares: política, contextos e processos sociais** / [Reginaldo Célio Sobrinho, coord.] – Vitória: UFES, Proex, 2017.

HUNGER, D; ROSSI, F; NETO, S. S. A teoria de Norbert Elias: uma análise do ser professor. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 697-710, dez. 2011.

LELIS, I. O trabalho docente na escola de massa: desafios e perspectivas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 152-174, jan./abr. 2012. Acesso em 11 mar. 2019. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/soc/v14n29/a07v1429.pdf>.

LIMA, M. S. L; GOMES, M. O. Redimensionando o papel dos profissionais da educação: algumas considerações. In: **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. PIMENTA, S, G; GHEDIN, E. (Orgs). 7 edição. São Paulo, 2012.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

OLIVEIRA, C. L. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Educação, Cultura, Linguagem e Arte**. Alagoas. 2009.

REBOUÇA, M. M. SIMÕES, V. L. O. A evolução do ensino de artes no espírito santo: da “eba” - escola de belas artes, 1951 ao centro de artes/Ufes, 1971. **18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais**, Salvador, Bahia. 21-26 set. 2009.

SILVA, G. S. P. **A importância do ensino de arte no contexto escolar em uma escola de ensino fundamental**. Monografia (Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais) – Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2015.

